

A escrita além da vida e da morte: mensagens de adeus de suicidas na Comarca de Toledo/PR (1980/1993)

Yonissa Marmitt Wadi*

Do filósofo Sócrates ao político Getúlio Vargas, da escritora Virginia Woolf à poetisa Ana Cristina César chegando aos Josés, Marias, Paulos e Catarinas – pessoas famosas por seu brilhantismo no mundo da política, da literatura, das artes ou absolutamente infames¹, cuja existência assemelha-se a um clarão –, cometeram suicídio.

Ato provocado de forma consciente e com intenção de provocar a própria morte, o suicídio constitui-se como uma autoviolência manifestada nos mais diversos tempos e lugares, desde pelo menos a Alta Antiguidade, por pessoas – ou mesmo grupos inteiros – de diferentes classes, etnias, gêneros, gerações, religiões. Comumente julgado, pouco ou nunca inteiramente compreendido, o suicídio é marcado por tabus diversos, mobilizando muito as sociedades – especialmente as cristãs – que, não raro, o consideram como “*uma verdadeira afronta, um ato de rebelião contra o criador*”.² As tentativas de interpretação levaram à constituição de uma literatura numerosa sobre tais acontecimentos, que transita da filosofia à psiquiatria, passando por estudos epidemiológicos, psicanalíticos e religiosos, bem como pelos estudos da autoviolência como problema social, território no qual se situam os historiadores.

Na extensa lista de estudos sobre o suicídio em diferentes campos do conhecimento destaca-se a obra do sociólogo francês Émile Durkheim (1858-1917), *O Suicídio*.³ Esta obra, cuja primeira edição data de 1897, pode ser considerada – para além da própria novidade de um estudo sobre o fenômeno do suicídio – como uma “*aplicação exemplar de As Regras do Método Sociológico, obra prima do pensamento de Durkheim, no seu afã de provar aos cientistas das áreas hard que também a sociologia é e pode ser ciência*”.⁴

Em *O Suicídio*, a disposição do autor era apresentar a realidade do fenômeno social a partir da disposição social para sua ocorrência, bem como da tendência dos grupos sociais para a prática, isolada de suas manifestações individuais. Eram forças sociais que transcendiam a esfera do indivíduo, expressando uma maneira destes de desfazer-se dos laços que os uniam em sociedade que levavam ao suicídio, e não qualquer tipo de desvio ou doença mental. Durkheim evidenciou, ao analisar a loucura, que nenhum estado psicopático mantinha com o suicídio uma relação regular e incontestável e que não havia qualquer relação daquele com os estados psicológicos normais (raça, hereditariedade, nem com a imitação). Assim, o suicídio foi descrito como um fato normal da cultura, que devia ser tratado de forma coletiva, pois o que o influenciava de fato era a civilização e cada sociedade apresentava uma predisposição diferente ao suicídio, o que se tornava visível analisando-se o conjunto dos suicídios cometidos em uma mesma sociedade durante uma dada unidade de tempo. Nesta perspectiva o suicídio dependia das condições sociais, ou seja, as causas de morte estavam muito mais fora do que dentro das pessoas.

Apesar das inúmeras críticas que a obra de Durkheim recebeu desde sua publicação⁵ vários autores reconhecem também que, ainda hoje, pouco se avançou na teoria sobre o suicídio desde a publicação de *O Suicídio*. Assim, como afirma Minayo, o fato é que

* Doutora em História. Bolsista de produtividade em pesquisa do CNPq. Professora do Centro de Ciências Humanas e Sociais e dos Programas de Pós-Graduação em História e em Desenvolvimento Regional e Agronegócio, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná - UNIOESTE. e-mail: yonissamw@uol.com.br

¹ O homem infame, segundo Michel Foucault, não é aquele que é baixo, torpe, vil ou abjeto, mas sim aquele que é comum, que não é famoso, segundo a etimologia latina da palavra: in = elemento negativo, fama = célebre. Cf. FOUCAULT, Michel. A vida dos homens infames. In: *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992a, p. 89-128.

² MINAYO, Maria Cecília de Souza. Debate sobre o artigo de Everardo Duarte Nunes. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n.1, p. 26-7, jan./mar.1998, p.26.

³ Utilizo neste texto a edição de 1996: DURKHEIM, Émile. *O Suicídio: estudo sociológico*. 6. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1996.

⁴ MINAYO, Maria Cecília de Souza. Debate sobre o artigo..., p. 26.

⁵ Cf. NUNES, Everardo Duarte. O suicídio: reavaliando um clássico da literatura sociológica do século XIX. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n.1, p. 7-34, jan./mar.1998; MINAYO, Maria Cecília de Souza. Debate sobre o artigo..., op. cit.; MINAYO, Maria Cecília de Souza. A autoviolência, objeto da sociologia e problema de saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, v. 14, n. 2, p. 421-428, ab./jun.1998.

III Ciclo

⁶MINAYO, Maria Cecília de Souza. A autoviolência, objeto da sociologia..., p. 424.

⁷NUNES, Everardo Duarte. O suicídio..., p. 18.

⁸Marcel Mauss *apud* MINAYO, Maria Cecília de Souza. A autoviolência, objeto da sociologia..., p. 424.

⁹DIAS, Maria Luiza. *Suicídio: testemunhos de adeus*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p. 78.

¹⁰Id. *ib.*, p. 11-12.

¹¹Uma análise da ocorrência do suicídio na cidade de Toledo / PR, entre os anos 1954 e 2002, estabelecendo suas regularidades, recorrências e tendências, baseada em dados oriundos de Inquéritos Policiais sob guarda do Núcleo de Documentação, Informação e Pesquisa – NDP/ UNIOESTE e Fórum da Comarca de Toledo e de relatórios do Instituto Médico Legal da cidade – IML, encontra-se em SOUZA, Keila R.; WADI, Yonissa M.; STADUTO, Jefferson A. R. Um estudo exploratório sobre o suicídio em Toledo/PR: regularidades, recorrências e tendências num cenário de transformações sócio-econômicas (1954 a 2002). *Redes*, v. 10, n. 1, p. 191-210, jan./ab. 2005.

¹²Segundo Joan Scott (Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p.5-22, jul./dez. 1990), *gênero* é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos e um primeiro modo de significar as relações de poder. Em configurações culturais específicas, portanto diferindo de acordo com lugares e épocas históricas, são atribuídos para pessoas diversas – a partir de seus sexos biológicos e geralmente de forma arbitrária – diferentes *papéis de gênero*. Pode-se definir *papéis de gênero* como os “modos de ser e de interagir como mulheres e homens, que são moldados pela história, ideologia, cultura, religião e pelo desenvolvimento econômico”. Pode-se dizer que “os papéis de gênero são aprendidos” e, não raro, estereotipados. Ou seja, constroem-se imagens preconcebidas do que cabe a homens e mulheres, ou ao masculino e ao feminino. Cf. INSTRAW – ONU. Instituto Internacional de Pesquisas e Capacitação das Nações Unidas para a Promoção da Mulher. *Conceitos de gênero no planejamento do desenvolvimento: uma abordagem básica*. Brasília: Conselho dos Direitos da Mulher do Distrito Federal / Fórum Nacional de Organismos Governamentais de Direitos da Mulher, 1995, p. 15.

¹³As escrituras cotidianas e práticas epistolares das pessoas comuns são chamadas também de “*escrituras ordinárias* ou escritos sem qualidade”, pois são aquelas “que se opõem aos escritos prestigiados

...o trabalho de Durkheim é clássico no sentido a que se propõe metodologicamente: fazer as indicações das regularidades, recorrências e tendências. Contém ao mesmo tempo uma série de preconceitos próprios à filosofia positivista e tem a marca de seu tempo, quando soube catalisar as idéias da época.⁶

Mas, como diz Nunes, “*mesmo os seus críticos reconhecem a engenhosidade e o brilho com que realizou este trabalho (...) um exemplo de integração de teoria e dados*”.⁷ O trabalho de Durkheim, neste sentido, mantém-se como um inspirador fundamental para estudos em diferentes campos disciplinares que, contemporaneamente, tem postulado ser o suicídio um fenômeno multideterminado, resultante de uma combinação de fatores. Na perspectiva de Maus, o suicídio pode ser considerado “um fato social total, ou seja, está saturado de elementos e significados biológicos, emocionais, históricos e sociais propriamente ditos, simultaneamente”.⁸ Portanto, só se torna compreensível a partir de abordagens multidisciplinares.

Porém, mesmo atentos às ponderações acima elencadas, poucos estudiosos deram atenção o uma fonte rica em possibilidades interpretativas e de compreensão do fenômeno: as mensagens (escritas, orais, imagéticas...) deixadas por aqueles que cometeram autoviolência. Os estudos conhecidos sobre tal material, especialmente no exterior, preocuparam-se basicamente com as estatísticas, constituindo-se como exceção, pela análise do material de adeus, o trabalho de Brierre de Boismont – *Du suicide et de la folie suicide* –, escrito em 1856. O autor – médico e diretor de um estabelecimento para alienados – trabalhou 12 anos em seu livro, buscando estabelecer uma diferença entre o suicídio de pessoas comuns e o de indivíduos alienados. Considerando estes dois grupos separadamente o autor investigou as causas dos suicídios e, utilizando-se dos depoimentos extraídos de mensagens escritas, analisou os últimos sentimentos expressos pelos suicidas, dividindo-os em ‘bons sentimentos’, ‘maus sentimentos’ e ‘sentimentos mistos’.⁹

Na produção brasileira sobre o tema do suicídio destaca-se o livro *Suicídio: testemunhos de adeus*, de Maria Luiza Dias (1991), exatamente por analisar as mensagens de adeus – cartas, bilhetes e fitas de áudio – daqueles que cometeram autoviolência. Através de tais materiais, obtidos no Instituto de Criminalística de São Paulo entre os anos de 1986-87, o objetivo da autora foi interpretar o fenômeno do suicídio, a partir da “*parcela específica da população suicida que deixa notas de despedida*”, pois considera o material deixado pelos suicidas como “*documentos que reconstroem o diálogo entre o indivíduo e seu grupo social no período da ocorrência*”.¹⁰

Considerando os acúmulos do que se poderia chamar ‘uma tradição durkheimiana’ de interpretação sobre o suicídio e os aportes de leituras sobre os materiais deixados por aqueles que o cometem, qualquer tentativa de compreensão do fenômeno – como a postulada pelos historiadores – precisa atentar para as características das sociedades onde ocorre o fenômeno, bem como para as singularidades de cada ocorrência expressas, quiçá com maior nitidez ou como única possibilidade de visualizá-las, nos escritos derradeiros dos suicidas.

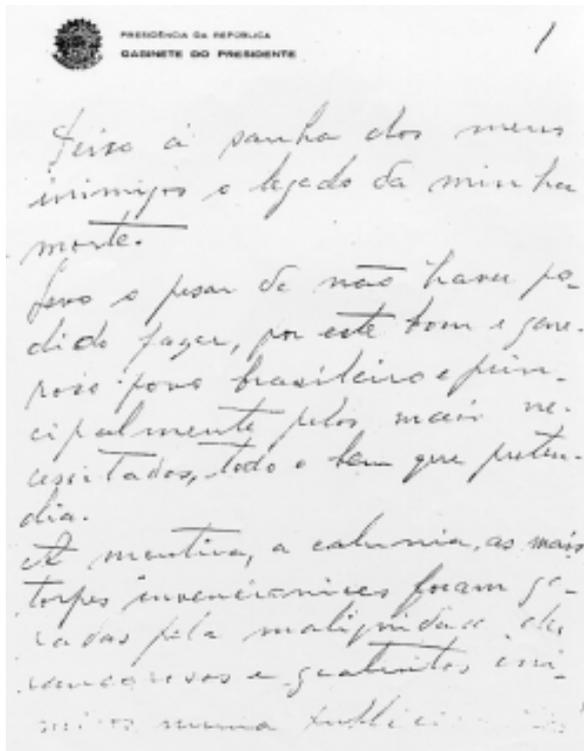
Neste sentido, é que me propus a ensaiar uma interpretação do conteúdo dos escritos de pessoas comuns que se suicidaram na região sob jurisdição da Comarca de Toledo / PR, entre os anos 1980 e 1993¹¹. Busquei compreender, por um lado, o significado da escritura dos suicidas, e por outro, como a autobiografia breve que constroem de si tais sujeitos em suas mensagens de adeus é marcada pela presença de certas injunções sociais, particularmente as ligadas às relações de gênero.¹² É preciso observar ainda, que as autobiografias que emergem das escrituras ordinárias¹³ são fragmentárias, limitadas, restritas a alguns aspectos de vidas mais complexas, é certo, do que permitem visualizar escritos derradeiros.

Escrituras ordinárias para além da vida (e da morte)...

A escrita de cartas ou bilhetes – entre outros textos – é geralmente motivada pelo intuito de fazer frente a uma situação, explicar ou justificar algo, informar, apelar, queixar-se. Para Geneviève Bolleme, a intenção daquele que escreve é sofrer menos, fazer-se, dar-se prazer, ou seja, “nunca se escreve senão para viver”.¹⁴ Paradoxalmente, também aqueles que escrevem pouco antes de cometerem uma autoviolência, atentando contra sua própria vida, parecem ser movidos pelos mesmos intuítos: consciente ou inconscientemente, querem viver para além da sua própria vida. Os suicidas tentam viver através de seus escritos derradeiros, cujos conteúdos ‘amarram’ a vida dos vivos a vida dos mortos, fazendo dos que seguem vivendo destinatários das motivações do suicídio. A função ‘psicológica’ de fazer cair sobre os destinatários o peso e a culpa da morte do emissário é também uma constante nas cartas de suicidas, afirma Osakabe. O autor comenta a chamada carta-testamento do presidente Getúlio Vargas, encontrada no dia de sua morte (24 de agosto de 1954):

... resultado aparente de um esforço de explicitação das causas que teriam levado o autor ao ato definitivo, na verdade, ela tenta fazer cair sobre os agentes da morte o peso de seus próprios atos. É uma peça que, valendo-se desse processo de culpabilização, tenta dar um sentido e uma fecundidade ao auto-aniquilamento (via de regra, o indivíduo que comete, junto com a própria morte, uma carta “aos que ficam”, deve acreditar no poder transfigurador de seu próprio ato).¹⁵

A afirmação de Osakabe – sobre a mensagem de adeus, possivelmente, mais conhecida, discutida e até mesmo contestada em sua veracidade – torna-se clara em inúmeros trechos da célebre carta, como o seguinte: “Não me acusam, me insultam; não me combatem, caluniam e não me dão o direito de defesa. Precisam sufocar a minha voz e impedir a minha ação, para que eu não continue a defender, como sempre defendi o povo e principalmente os humildes. Sigo o destino que me é imposto”.¹⁶



Carta testamento de Getúlio Vargas.

elaborados com vontade explícita de fazer uma obra para ser impressa”. Daniel FABRE apud CUNHA, Maria T. S. Por hoje é só...Cartas entre amigas. In: BASTOS, Maria H. C.; CUNHA, Maria T. S.; MIGNOT, Ana C. V. (org.). Destinos das letras: história, educação e escrita epistolar. Passo Fundo: UFP, 2002, p. 181-204, p. 183.

¹⁴ BOLLÉME, Geneviève. *O povo por escrito*. São Paulo: Martins Fontes, 1988, p. 201.

¹⁵ OSAKABE, Haquira. A carta-testamento ou a cena final de Getúlio Vargas. In: GALVÃO, Walnice Nogueira; GOTLIB, Nádia Batelha. (orgs.) *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000, p. 373-378, p. 373.

¹⁶ VARGAS, Getúlio. Carta-testamento. In: Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil – CPDOC / FGV. Arquivo: Getúlio Vargas; Classificação: GV c 1954.08.24/2; Data: 24/08/1954; Quantidade de documentos: 3 (8 fl.).

III Ciclo

A carta do chamado ‘pai dos pobres’ pode ser vista assim, como uma carta típica de alguém que voluntariamente atenta sobre sua própria vida, alinhando-se as de tantos outros que tentam explicar as razões inexoráveis de seus atos. Porém, ao contrário da maioria das cartas de suicidas, a carta do presidente Vargas fala daquilo que marcou seu lugar na história, ou seja, o poder. A morte foi para Vargas mais um recurso político, uma maneira de valorizar seus feitos e de construir uma imagem grandiosa para o futuro e não um recurso para lidar com dilemas existenciais de ordem pessoal ou íntima.¹⁷

Já as cartas e bilhetes escritos por pessoas comuns, pouco ou nada se parecem com os escritos de suicidas notórios – como Vargas –, comumente testemunhos de seus fracassos ou fraquezas na cena pública. A despeito de que, em alguns momentos, também as gentes comuns construam pela escrita suas mortes como morte-sacrifício ou morte-tragédia, a exemplo do notável político, em geral suas cartas e bilhetes remetem aos problemas cotidianos de vidas ordinárias, que algumas vezes oscilaram entre a razão e a desrazão.

Configuram-se assim, como ‘escritos de si’, ou seja, derradeiros escritos auto-referenciais ou autobiográficos. São escritos de escreventes que, como afirma Roland Barthes, escrevem sem nenhuma preocupação literária, objetivando apenas certos fins, como testemunhar, explicar, ensinar ou pedir. Mas também denunciar, agredir, acusar, como fazem alguns dos suicidas.¹⁸ A posição de escrevente, assumida pelos suicidas que deixam mensagens permite, por outro lado, que se rompa com qualquer ‘ilusão biográfica’, sobre a existência de um eu coerente e contínuo expresso em sua escritura.

Alguns poucos homens e mulheres comuns, para quem a ‘morte cresceu por dentro’, acreditaram na utilidade de suas palavras derradeiras. Mesmo não sendo possível afirmar terminantemente parece que, para além do ato suicida que por si só configura-se como um texto a ser lido, as cartas dos suicidas querem dizer a ‘verdade’ de vidas que nenhuma mortalha de palavras belas, ditas por outrem, daria sentido. É certo que suas palavras – às vezes escritas naquilo que encontravam pela frente no momento em que tomam sua inexorável decisão, às vezes em papéis cuidadosamente escolhidos – são, em geral, escritos fragmentários e esparsos que lançam flashes apenas sobre suas vidas ordinárias. Porém, parafraseando Michel Foucault, tais escritos constituem certa maneira de cada um se manifestar a si próprio e aos outros.¹⁹

Cartas e bilhetes são escritos com objetivos variados. Às vezes, simplesmente para trocar informações, compartilhar afetos, sentimentos ou sensações, enviar notícias variadas, demonstrar lembrança. Outras vezes com objetivos mais ambiciosos, como expressar opiniões políticas, buscar legitimidade frente a um grupo, construir uma memória para a posteridade.²⁰ Sendo assim, toda correspondência tem, segundo Gomes, “um destinatário específico com quem vai se estabelecer relações”.²¹

No caso das mensagens deixadas por suicidas, apesar da ausência da reciprocidade esperada na correspondência usual – quem envia uma carta a alguém espera receber uma resposta – não deixa de existir uma interlocução, ainda que nem sempre o destinatário seja o primeiro e, raramente, seja o único leitor.

Não se deixa de sentir a presença, também de uma forma muito especial (dolorosa, desesperada, louca...) da pessoa cuja vida acabou de esvaír-se por um ato voluntário. Uma carta, um bilhete ou uma fita de áudio, deixada para alguém ou para ninguém em especial, faz o ‘escrevente’ presente, não apenas pelas informações que este fornece “acerca da sua vida, das suas atividades, dos seus sucessos e fracassos, das suas venturas ou infortúnios”, mas porque o torna “presente de uma espécie de presença imediata e quase física”.²² Como afirma Foucault, escrever é “mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o próprio rosto junto ao outro”²³, ainda que pouco, fragmentariamente como fazem os suicidas.

Há um face a face, um tête-à-tête. Não o comum em outros tipos de correspondência, mas certamente o brado daquele que se despediu e o daqueles que – debruçando-se sobre o cadáver – perguntam a quem não tem mais voz para

¹⁷ Cf. D’ARAÚJO, Maria Celina. Getúlio Vargas, cartas-testamento como testemunhos de poder. In: GOMES, Angela de Castro. (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 295-307.

¹⁸ BARTHES, Roland. *Crítica e verdade*. São Paulo: Perspectiva, 1982. O autor diferencia os ‘escreventes’ dos ‘escritores’, que escrevem fingindo-se outros, fingindo emoções alheias ou experimentando o fascínio de imagens várias.

¹⁹ Cf. FOUCAULT, Michel. A escrita de si. In: *O que é um autor?* Lisboa: Vega, 1992b, p. 129-160.

²⁰ Cf. FREDRIGO, Fabiana de Souza. A escrita de si no epistolário de Simon Bolívar: uma consagração da memória à história. In: SERPA, Élio Cantalício et al. (orgs.). *Escritas da história: memória e linguagem*. Goiânia: Ed. da UCG, 2004, p.11-41.

²¹ GOMES, Angela de Castro. Escrita de si, escrita da história: a título de prólogo. In: GOMES, Angela de Castro (org.) *Escrita de si, escrita da história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-24, p. 19.

²² FOUCAULT, Michel. A escrita de si..., p. 149-50.

²³ Id. ib.

responder; tentam responder – em sussurros ou em prantos – eles mesmos as perguntas. Os destinatários lêem e relêem textos, por vezes, sintéticos, fluídos, esparsos e fragmentários buscando compreender o ato.

Mensagens de adeus são documentos raros encontrados, especialmente entre os registros policiais de suicídio, como afirmei anteriormente. Assim, quando se depara com estes documentos – não poucas vezes também breves, lacônicos, sucintos, fugazes... – há dificuldade em saber como abordá-los. Talvez seja este o motivo – para além da própria raridade do documento – de tão poucos estudos sobre tal material.

Os escreventes e suas mensagens de adeus

Entre os anos de 1980 e 1993, foram encontrados no Fórum da Comarca de Toledo²⁴, 38 inquéritos policiais referentes a suicídios ocorridos na região abrangida.²⁵ Apenas seis deles continham em seus anexos, mensagens de adeus daqueles que provocaram suas próprias mortes. Bilhetes lacônicos e breves cartas foram escritos por mulheres, de idades que variavam entre 25 e 48 anos; uma carta – razoavelmente longa – foi escrita por um jovem de 19 anos; e um conjunto, composto por dez bilhetes, foi escrito por um homem de 45 anos.

Contradizendo outros estudos que apontam um maior índice de mensagens de adeus deixadas por pessoas acima de 70 anos, os suicidas escreventes da região da Comarca de Toledo eram pessoas jovens, no início da vida adulta (como o jovem de 19 anos) ou na plenitude desta (dos 25 aos 48 anos). Os idosos (acima de 60 anos) encontrados entre os suicidas não deixaram bilhetes ou cartas, como se não tivessem mais nada a dizer. Escreveram aqueles que estavam na plenitude da vida produtiva e reprodutiva, sexual, de trabalho, de realizações, de concretizações, de sonhos...

Entre temas variados presentes nos escritos, motivadores dos atos extremos de autoviolência conduzidos por essas pessoas, um se destaca: o amor e suas variações, a falta, o excesso, a culpa... O tema é expresso nas mensagens, ora na forma de pedidos, reivindicações, ora como desculpas, ou ainda, na forma de acusações. Na esteira deste tema – que parece ser o móvel principal, de grande parte das ‘fugas’ da vida de indivíduos inseridos numa trama social, econômica e cultural – surge como inexorável imagem, projetada social e pessoalmente, a de sujeitos adequados a certos papéis de gênero, que soam como destinos de gênero.

Dos quatro escritos de mulheres suicidas, encontrados junto a seus cadáveres, três tratam de amor. Dois foram dirigidos a homens que com estas mulheres mantinham relacionamentos afetivos e/ou sexuais e o terceiro foi dirigido a uma amiga.

Maria²⁶ (35 anos, branca, casada, ajudante de produção num grande frigorífico), morta por envenenamento, dirigiu seu derradeiro bilhete no dia 29 de junho de 1992 – dia de seu suicídio –, para seu esposo Paulo, por que acreditava estar sendo traída:

*Amor, quero sair desta vida para outra vida, não quero mais fazer você sofrer por minha culpa, eu só tenho que desejar pra você felicidades, cuida bem da minha filha acerta a conta lá na Sadia e coloque na poupança em nome da Marina, não judia dela eu vou tirar a minha vida porque você vai me deixar eu sem você não posso ficar não chore porque eu não mereço.*²⁷

Ilka (27 anos, branca, solteira e de profissão não declarada) se suicidou em 04 de março de 1988 utilizando uma arma de fogo. Numa caderneta foram encontradas declarações de amor dirigidas a Amílcar com quem vivera por cerca de um ano e do qual se encontrava separada a cerca de dois meses. Numa delas justificou seu ato suicida em benefício da liberdade do amado: “Agora você está livre de mim, livre para voar”.²⁸



O Suicídio de Doroty Hale (38/39) - Frida Kahlo

²⁴ No período analisado faziam parte da Comarca de Toledo, além da cidade de Toledo, os municípios de Nova Santa Rosa, Ouro Verde do Oeste e São Pedro do Iguazu.

²⁵ Nos casos de suicídio é obrigatória a abertura de inquérito policial e, a não ser que haja evidências de que houve indução ao ato por outrem, em geral os inquéritos são arquivados não dando origem a processos criminais.

²⁶ Todos os nomes utilizados são fictícios.

²⁷ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N. 171/92 – M.N.S.P. Mantive nas citações das fontes a ortografia original.

²⁸ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N. 24/88 – I.S.

III Ciclo

A jovem Paula (25 anos, branca, separada, enfermeira) deixou um bilhete a sua amiga Neide, escrito em 11 de março de 1981, um dia antes de suicidar-se ingerindo veneno:

Querida Neide, obrigada por ser a pessoa que mais me amou de verdade muito obrigada pelo carinho que me deste, só desejo que seja muito feliz sinto muito ter que partir e lhe deixar, sabendo que um dia nos encontraremos só daqui a muito e muitos anos. Se Deus quiser. (...) Querida amiga aceite meu último abraço.²⁹

O motivo que levou Paula a abandonar a vida deixando sua derradeira mensagem a uma amiga, não parece ter sido semelhante ao que moveu Maria e Ilka a se suicidarem. Porém, o tema foi o mesmo: ainda o amor. Não o amor passional e extremo dos amantes não correspondidos (ou que se acreditavam assim), mas sim o amor fraterno entre pais e filhos. Segundo Wagner, amásio de Paula, a grande tristeza desta estava ligada ao desaparecimento de um filho que tivera com seu ex-esposo e que estava sob guarda dos avôs paternos.

O amor foi também tema das mensagens de adeus masculinas. Yoshiro (45 anos, amarelo, casado, comerciante) que se suicidou com um tiro de arma de fogo, em 09 de fevereiro de 1984, deixou dez bilhetes, um dos quais dirigido a sua esposa: *“Sonhei sempre mais coisas boas com você e nossos filhos, mas infelizmente da minha parte fracasei, aqui não agüento mais, continue educando bem nossos filhos como você sempre fez”*.³⁰ Aos três filhos deixou outro bilhete, no qual afirmava saber da “grande decepção” que seu ato representava para todos eles, mas que não tivera “alternativa” e que então eles deveriam seguir *“sempre a orientação da mãe, ‘por favor’ orgulhe da mãe que vocês têm porque o pai fracassou para vocês. O meu erro chegou a isto de ser muito confiante com os outros”*.³¹

A outra mensagem deixada por um homem é também uma carta de amor, porém não dirigida a alguém especial. Em 27 de dezembro de 1982, o jovem José (19 anos, branco, solteiro, vigilante bancário) que viveu em um orfanato desde os três anos de idade, escreveu:

*A solidão de minha vida, vivo sofrendo, por mim ser sozinho, estou desesperado já não agüento mais. Vivo jogado no mundo sem carinho sem amor. Vejo os outros jovens da mesma idade todos felizes uns namorando outros felizes por estarem conversando, tudo isso me dói no coração. Passei o natal muito bem com as crianças que vivem como eu. Peço para vocês que vão ficar não deixe uma criança desamparada. Dê o carinho para elas senão mais tarde poderá seguir o mesmo rumo.*³²

Variações sobre o mesmo tema – o amor –, as narrativas oriundas das cartas e bilhetes apresentados, conjugadas a vestígios provindos de outras fontes, abrem um leque de interrogações e possíveis relações que ao ser exposto pode revelar uma trama de relações (políticas, econômicas, culturais, de classe, étnico-raciais, de gênero...) complexas e intrincadas, que não podem ser entendidas dissociadamente. Sobre as relações de gênero, mesmo a escrita fragmentária dos suicidas, revela como certos padrões – construídos historicamente – encontram-se arraigados no imaginário individual e coletivo. Os papéis ideais de homens e mulheres, como a conquista amorosa, a manutenção e o provimento do lar, o exemplo, a força..., atributos (naturalizados como) masculinos e o amor afetivo e filial, a responsabilidade pela manutenção do casamento, o cuidado com os filhos, atributos (naturalizados como) femininos, são reforçados nas mensagens de adeus dos suicidas.

São sutis os sinais da passagem de Maria por esta vida, sutis também são os sinais indicativos de sua opção pelo abandono dela. Casada há 11 anos, pode-se inferir pelas informações constantes no inquérito que ela abalou-se com a idéia de uma mudança do marido para outra cidade, caso este fosse demitido do emprego atual, entendendo que esta desestruturaria sua vida. Os depoimentos –

²⁹ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N. 46/82 – P.G.

³⁰ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N. 029/84 – Y.S.

³¹ Id. ib.

³² JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N. 09/82 – J.W.

especialmente o do chefe de Maria – induzem a pensar que a mudança era motivada pelos ajustes do setor produtivo, num setor de alta rotatividade de uma mão de obra pouco qualificada, como o frigorífico onde trabalhavam ambos. Tais mudanças raramente poupam os sujeitos, nunca atentam para as mazelas subjetivas de cada um que tem alterado drasticamente seu modo de viver.

Assim Maria – mobilizando razões subjetivas que não se consegue perceber –, entendeu que a provável ida de seu marido para outra cidade, em busca de novo emprego, traduzir-se-ia em abandono. Somou ao motivo alegado pelo marido, sua desconfiança de que este estaria tendo um caso com outra mulher. Sua escritura revela desespero pelo abandono – *“eu vou deixar a minha vida porque você vai me deixar eu sem você não posso ficar (...) não posso aceitar o ADEUS”* –, culpa por não ter cumprido adequadamente algum papel a ela reservado e assim a necessidade do sacrifício – *“não quero fazer você sofrer por minha culpa”* – e o zelo adequado a uma mãe amantíssima que mesmo em hora derradeira não esquece sua missão máxima, dizendo: *“cuida bem da minha filha (...) não judia dela”*.³³

Paula que viera do município de Jacobina na Bahia, conforme consta em seu inquérito, talvez tivesse vivido parte de sua vida – antes de residir em Toledo – no município de Assis Chateaubriand, cidade que recebera muitos migrantes vindos da região nordeste e onde Paula encetara sua amizade com Neide para quem deixou sua derradeira carta. O único depoimento constante no inquérito policial – do amásio de Paula – deixa entrever pouco das relações nas quais estava imersa a vida da enfermeira. Segundo este depoimento, o sumiço do filho querido e assim, o rompimento definitivo do frágil laço que unia mãe e filho – digo frágil, pois o filho estava sob guarda dos avós paternos, não se sabe por que motivos – pode ter determinado a atitude extrema de Paula. Contribui para que se compreenda assim a atitude de Paula também a derradeira mensagem deixada a amiga Neide, na qual afirmou: *“sabe eu queria muito ser feliz mais não sou. Adeus”*.

Da história de Ilka os vestígios são mais tênues ainda. O registro de sua vida que temos – paradoxalmente o inquérito sobre sua morte – nada nos diz sobre sua trajetória nesta. Além de sua idade (27 anos) e cor (branca), nenhum traço de identificação ficou registrado. Seu amásio – com quem vivera por cerca de um ano – pouco falou dela. Porém, mesmo que quisesse ou tivesse falado mais, sem dúvida não seria o inquérito policial o documento a registrar tal fala, pois se trata – especialmente nos casos de suicídio – de um documento lacônico, sucinto, traduzindo as falas dos sujeitos conforme normas e preceitos legais.

Como quase nada escreveu Ilka sobre as motivações de seu ato, como a precariedade dos registros torna impossível indicar possíveis causas sociais do mesmo, as circunstâncias de sua vida permanecem invisíveis e sabe-se apenas que Ilka foi uma mulher apaixonada. Tal paixão levou-a a abdicar de viver para deixar viver o alvo de seu amor, como vimos na breve declaração dirigida a Amílcar, onde justificou seu ato em benefício da liberdade do amado: Cumprira assim Ilka – como Maria – seu destino de gênero? Talvez sim, pois segundo Barsted, há uma idéia generalizada de que a identidade da mulher está ligada a existência de um homem a seu lado:

*Tanto nas classes mais ricas, quanto nas classes mais pobres, há o valor de que ter um homem ao lado, mesmo que em termos puramente simbólicos, representa status. Representa, talvez a fantasia de que esse homem pode suprir uma solidão. (...) Na realidade, há um padrão cultural que informa as mulheres a manter seus parceiros para não ficarem sozinhas, situação considerada altamente desvantajosa para o sexo feminino.*³⁴

Se não conseguira manter um relacionamento afetivo/sexual – desejado, adequado... – como cabia a uma mulher, se não conseguia ter ao seu lado um homem – como cabia a toda mulher – então o melhor era abdicar, abdicar radicalmente? Assim, não teria de carregar o peso da frustração pelo não cumprimento

³³ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial N.171/92 – Carta de M. N.S.P.

³⁴ BARSTED, Leila Linhares. Meta-de vítimas, metade cúmplices? A violência contra as mulheres nas relações conjugais. In: DORA, Denise Dourado (org.). *Feminino Masculino: igualdade e diferença da justiça*. Porto Alegre: Sulina, 1997, p. 76.

III Ciclo

de seu destino de gênero, ou seja, ter um homem a seu lado? Estas são perguntas sem respostas, que a histórica configuração cultural das relações de gênero nos permite formular, mas que a limitação dos vestígios sobre a vida dos sujeitos não nos permite responder.

Yoshiro, um dos dois escreventes masculinos que se suicidaram, veio da metrópole paulista e fixou-se em Toledo não se sabe em que data. Certamente veio acompanhado de familiares – como atestam depoimentos de dois de seus irmãos constantes no inquérito – e nesta cidade conseguiu se estabelecer, ao que parece atingindo razoável prosperidade, pois era proprietário de um armazém e tinha empregados. Vestígios constantes no inquérito policial fazem crer também que Yoshiro possuía um pequeno capital, pois tinha previdência privada, seguros de vida e investimentos.

Sobre a situação financeira de Yoshiro, na época em que cometeu suicídio, os depoimentos constantes no documento policial são controversos: enquanto um irmão do comerciante afirmou que este não tinha problemas financeiros, outra irmã afirmou contrariamente que este tinha muitos problemas financeiros. Se estes existiram de fato, talvez o ato derradeiro tivesse ocorrido pela impossibilidade de resolvê-los. Os indícios que ficaram não permitem identificar com clareza tal motivação, mas sinalizam que Yoshiro sentia-se um fracassado e possivelmente tal fracasso estivesse ligado ao não cumprimento de papéis historicamente consagrados ao gênero masculino, especialmente o de ser provedor de sua família, como indicam os bilhetes citados anteriormente.

A preocupação de não deixar a família desamparada, buscando assim cumprir seu papel de gênero – o de provedor –, ainda que para isto tivesse de abdicar da sua própria vida, destaca-se nas mensagens deixadas por Yoshiro. Dirigindo-se diretamente a sua família afirmou ter vários seguros; dirigindo-se àqueles que lhe deviam, solicitou que pagassem suas dívidas rapidamente, pois a viúva e seus filhos necessitariam do dinheiro. Também nas mensagens deixadas para seus credores expressou a preocupação com o bem-estar futuro de sua família, solicitando que não tirassem desta, “o pouquinho” que lhes deixou. Bem-estar que ele se sentiu incapaz de proporcionar, talvez porque enredado nas tramas sócio-econômicas – sendo “confiante demais nos outros”³⁵ – vira ruir negócios que garantiam tal situação. Suicidara-se, talvez imbuído da crença de que sua morte poderia atuar na estrutura social de forma a minimizar problemas que acreditava insolúveis, permanecendo vivo.

Ao perder o controle sobre seus negócios, Yoshiro provavelmente acreditou ter perdido também parte daquilo que lhe fazia reconhecer-se como homem no grupo social ao qual pertencia: o domínio, a dignidade, a honra. Talvez, como descendente de japoneses, o comerciante também compartilhasse da crença – disseminada na sociedade japonesa e compartilhada pelos imigrantes e seus descendentes – de que o suicídio era uma forma aceitável, e até valorizada, de resolver certas situações, como dívidas que não se consegue pagar. Assim, matar-se é considera uma saída honrosa.³⁶

A carta deixada por José, o mais jovem dos suicidas escreventes expressa de forma dolorosa os desdobramentos de uma vida marcada pela tragédia. Tênuos vestígios desta vida aparecem na mensagem deixada por José, mas, por uma destas coincidências com as quais se deparam os historiadores de vez em quando, encontrei outros documentos que permitem reconstituir a vida de José com mais detalhes. Contrariamente ao que afirmou um irmão de José que depôs no inquérito policial, ambos não eram órfãos de pai e mãe, mas apenas de pai.

José era um dos seis filhos do casal Selma e Arlindo, moradores do Distrito de Alto Santa Fé, então pertencente ao município de Palotina, próximo a Toledo. Na época em que o filho mais velho tinha nove anos, o mais novo seis meses e José cerca de três anos, sua mãe assassinara seu pai.³⁷ Ré no processo criminal pela morte de seu marido, a mãe de José foi absolvida sumariamente pelo Juiz responsável, mas foi internada no Manicômio Judiciário Adauto Botelho, onde permaneceu durante oito anos. Sabe-se por um terceiro documento que esta após

³⁵ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial n. 029/84 –Y.S.

³⁶ Também no budismo e no xintoísmo, religiões predominantes no Japão e entre os imigrantes e seus descendentes – e que talvez Yoshiro professasse –, tirar a própria vida não é pecado. Ueno, estudiosa do fenômeno do suicídio na sociedade japonesa, respalda nossa hipótese sobre o significado da morte de Yoshiro. Para a autora: “...em certa medida, a taxa mais alta de suicídio entre os homens se deve a diferentes papéis e expectativas sociais designadas a eles. (...) O fato que o número de suicidas está aumentando entre homens de meia idade com problemas financeiros ressalta a responsabilidade masculina de manter a sua família, e algumas vezes os seus empregados. Esta é uma realidade ainda mais pungente em dias de dificuldades econômicas. Alguns suicídios são como uma tentativa, por parte dos suicidas, de conseguir dinheiro do seguro de vida para sua família.” Cf. UENO, Kayoko. O suicídio é o maior produto de exportação do Japão? Notas sobre a cultura de suicídio no Japão. *Revista Espaço Acadêmico*, n. 44, jan. 2005. (www.espacoacademico.com.br/044/44eueno.htm)

³⁷ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Processo Crime n. 37/65 – I.W.

³⁸ JUIZO DE DIREITO DA COMARCA DE TOLEDO. Inquérito Policial n. 11/74 – I.W. Este inquérito refere-se ao suicídio da mãe de José.

cumprir a medida de segurança retornou ao distrito de Alto Santa Fé – na cidade de Palotina –, em 1972, e aí vivia “maritalmente com outro homem”.³⁸

Atingidos pela tragédia familiar, José e seus irmãos tiveram destinos diferentes a partir da morte do pai e do internamento da mãe. Não mais a vida em comum no sítio da família, mas a separação que levou alguns dos filhos à casa de parentes e outros a um orfanato na capital do estado do Paraná – Curitiba –, como José e seu irmão depoente no inquérito. Não tenho evidência alguma se José voltou a ter contato com uma mãe que talvez acreditasse morta, basta lembrar o depoimento de seu irmão no inquérito, no qual afirmou serem órfãos. Sei apenas, segundo depoimento do irmão no inquérito do suicídio de José, que estes tinham.

Órfão de pai, órfão de mãe, afastado da convivência com seus irmãos, preferindo “a amizade de pessoas estranhas do que a de parentes”, José sentia-se solitário e incapaz de agir como outros jovens de sua idade, “*todos felizes uns namorando outros felizes por estarem conversando tomando alguma coisa para se distraírem*”.³⁹ Por outro lado, conforme depoimento de seu irmão no inquérito policial, sentia-se discriminado por ter um “*trabalho de pouco prestígio*”.⁴⁰

Que lugar tinha José na sociedade em que vivia? Imerso em relações sociais que atribuem aos sujeitos atributos e lugares de prestígio, José não se enquadrava. Pois – ainda que almejasse –, não cumpria com os desígnios para o gênero masculino: não era ‘conquistador’, não conquistara nem amigos, nem namoradas, nem família, poucos eram seus afetos – “*as crianças que vivem como eu (...) uma criança desamparada*”⁴¹; não conquistara um trabalho digno que, segundo seu particular olhar sobre o mundo e certamente segundo as injunções sociais que atribuem valores aos sujeitos segundo as ocupações e funções que desempenham, lhe daria prestígio e talvez contribuísse para minorar sua solidão retirando-lhe da situação de abandono em que acreditava estar.

Mas seria o suicídio a única saída para a reconfiguração da vida – tentativa estabelecida através dos escritos derradeiros – daqueles sujeitos de que falei? Émile Durkheim fez pergunta semelhante no fim do século XIX afirmando que, mesmo para o suicídio – ato pelo qual o indivíduo provoca sua morte de forma consciente, deliberada e intencional –, a sociedade teria a resposta. Assim, não se deveria buscar nas mentes dos indivíduos a resposta, mas sim no tipo de sociedade a qual pertenciam, sendo a posição ocupada dentro desta sociedade decisiva para a ocorrência do suicídio.

No entanto, como já explicitiei anteriormente, sendo o suicídio um fato social total, é preciso olhar tanto para as características das sociedades para entender o fenômeno, como para cada individualidade. É preciso propor-se a historicizar as posições subjetivas que são contraditórias, fluídas, migratórias e constituídas por experiências diversas, para tentar compreender porque, enredados em diferentes teias discursivas que configuram as sociedades nas quais vivem – e as configurações de gênero das quais falei –, os sujeitos escolhem este drástico caminho do suicídio para ‘resolver’ os dilemas de sua existência.

Contribuição recebida em 01.05.2008 e aprovada em 19.05.2008.



Jacques-Louis David, França,
1748-1825: A morte de Sócrates